

OBSERVATÓRIO DE IDEIAS

por Mário Soares

1. Na passada semana, assisti ao lançamento do livro "Dicionário das Crises e das Alternativas", no auditório da Livraria Bertrand, da Câmara de Lisboa, junto ao Sheraton, organizado pelo Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra, dirigido pelo professor Boaventura Sousa Santos, com a participação activa de um membro da Organização Mundial do Trabalho, Raymond Turey, da professora Mafalda Troncho, que presidiu à sessão, e de Manuel Carvalho da Silva que, numa extensa intervenção, apresentou o "Observatório sobre Crises e Alternativas".

Tratou-se, evidentemente, de um texto, muito bem elaborado, sobre as crises e as alternativas possíveis para as vencer. Note-se que não se ocupou somente da crise financeira, que tanto nos afecta, como a vários países da União Europeia - sem excluir os grandes Estados: Espanha, Itália, França e Reino Unido - mas das outras crises que nos ameaçam, como: a económica, a política, a social, a ambiental e a de civilização.

Boaventura de Sousa Santos, que Manuel Carvalho da Silva cita, num livro que o professor publicou "Portugal - ensaio contra a auto-flagelação", um vício que ataca muitos portugueses, especialmente, em tempo de crise e que é preciso

vencer. Como? Não acreditando na austeridade cega - nos cortes que atingem sobretudo os mais desfavorecidos - e que têm deixado impunes os mercados usurários e os mais poderosos, aceitando que cresça a recessão e, avassaladoramente, o desemprego.

Cito o texto de Carvalho da Silva: "As injustiças, o sofrimento e a pobreza resultantes das alterações ao regime do subsídio de doença, a não existência de subsídio de desemprego, para a maioria dos desempregados, num contexto em que corremos o risco de atingir uma taxa de desemprego de 20%, a prazo não muito longo, os cortes no Rendimento Social de Inserção, a diminuição da protecção na maternidade e na paternidade ou nas condições de adopção, não têm importância. Para a Troika e para o Governo, tudo isto são "riscos" ou "sacrifícios necessários"; o programa é perfeito e está a ser executado de forma exemplar, mesmo que se recorra a um austeritarismo nacional de empobrecimento".

Note-se que a Troika está ela própria a desentender-se. O Fundo Monetário Internacional (FMI) tem vindo a criticar, pela voz da sua presidente, Christine Lagarde, que a austeridade, por si só, conduz ao caos, visto que a recessão e o desemprego aumentam, sem remédio. É preciso investimento e acabar com os cortes cegos que põem em causa a vida das pessoas, as instituições sociais e desacreditam as democracias. Isto é: está em jogo o futuro do projecto europeu e da própria Europa.

George Soros, o financista benemérito que organizou um fórum em meados de Abril, em Berlim, disse que "o Bundesbank está a matar o euro" (sic).

Vários economistas alemães como Heiner Flassbeck, a secretária-geral da OCDE, Angel Gurría e os Nobel da economia, Joseph Stiglitz e Paul Krugman, dizem - cito - "que os líderes europeus estão a caminho de provocar o suicídio económico do conjunto do Continente" (vide New York Times de 15 de Abril). Contudo, os líderes europeus e o nosso Governo, constituído por ministros quase todos de ideologia neo-liberal, não fazem caso - nem se querem aperceber - do que estão a fazer e eu penso particularmente no nosso país. Parece-lhes - aos dirigentes europeus - tudo excelente. No entanto, estão a destruir o Estado, sem pôr em causa - como prometeram - o seu despesismo, a reduzir as pensões, a vender, privatizando, de qualquer modo, de que sabemos pouco, as melhores empresas portuguesas e as chamadas "jóias da coroa", a pôr em causa as nossas reservas de ouro, a destruir as conquistas sociais e o bem-estar das populações, a condenar à emigração as nossas jovens elites - as melhores e mais apreciadas no estrangeiro, que já tivemos - a cortar os apoios às nossas excelentes Universidades, a ignorar a cultura, retirando-lhe apoios bem como à própria educação pública. Tudo isso para quê? Para nada!

Porque com a austeridade cega, cada ano, como se está a ver, vamos de mal a pior. A criminalidade vai crescer, bem como o justo descontentamento dos mais prejudicados.

Cito o fim do texto apresentado por Manuel Carvalho da Silva: "É preciso romper o bloqueio. Precisamos de sérias reformas - digo eu: não, de contra-reformas, como tem sucedido - que no contexto actual podem significar importantes rupturas. Talvez mesmo perigosas. Precisamos de grandes rupturas que começam

exactamente nos becos sem saída, que estão a ser criados e na quebra dos muros!" E ainda: "As alternativas são possíveis (...). Nada é mais letal do que a resignação (...). É preciso combater este capitalismo perigosamente indutor do retrocesso social e civilizacional".

O Centro de Estudos Sociais teve um bom começo e uma sala repleta de gente, consciente da difícil situação que vivemos mas, apesar disso, cheia de entusiasmo e de confiança no futuro. Valha-nos isso.

Austeridade ou Crescimento?

2. A Europa interroga-se. Era inevitável. O sistema político-social está a mudar, quanto ao futuro próximo. Entre austeridade e os cortes inaceitáveis e extremamente dolorosos para as populações, sobretudo as mais desfavorecidas, que são, por todo o lado, as grandes vítimas - e em que a classe média, pela primeira vez, está também, a sofrer enormemente - e a necessidade do crescimento económico e da luta contra o flagelo do desemprego crescente, começam a tornar-se evidentes. Os europeus advertidos (não falo dos dirigentes) parecem finalmente não hesitar. A austeridade conduzir-nos-á ao caos.

O doutor Draghi, presidente do Banco Central Europeu, foi talvez o primeiro a perceber a necessidade de fazer injectar dinheiro no circuito económico. E por duas vezes desviou um bilião de dólares para dar oxigénio às instituições financeiras europeias em grandes dificuldades. Mas, reconheça-se, foi sol de pouca dura. A Espanha e a Itália tornaram-se, de repente, os Estados europeus em

maiores dificuldades. E - imagine-se - os economistas europeus e americanos, por mais ortodoxos que sejam, já o reconhecem: o pior está para vir. Pensemos no que se vai passar na França, independentemente dos resultados das eleições presidenciais. E agora - pasme-se - na Holanda!

Na verdade as coisas são o que são. A pobreza, que está a atingir o nível da miséria, em países com economias fortes, como a Itália e a Espanha - e para mais Estados católicos - está a dar lugar, muito significativamente, a pessoas que se suicidam, dada a situação trágica em que se encontram, falidas e sem dinheiro para comer e dar de comer aos filhos. Nos últimos três meses 146.000 empresas fecharam as suas portas em Itália. 91% dos italianos chegam ao fim do mês sem dinheiro. O primeiro-ministro Monti falou do custo das vidas perante a crise. Mas a Espanha não está melhor e não deixará de gritar o mesmo.

Que fazer? Para além das pessoas que se suicidam na Itália, cada dia, um pequeno empresário e um trabalhador - em Portugal começa a surgir o mesmo fenómeno - há também a crescente criminalidade que começa a ser outra manifestação de desespero. É que quando os dirigentes desprezam as pessoas - e só querem saber dos cortes e do dinheiro - pedindo sacrifícios sem compreender as tragédias que daí resultam, avolumando as desigualdades, só há um caminho, honestamente: a revolta. Atenção, pois, ao que se está a fabricar, inconscientemente. O desespero é mau conselheiro...

As pessoas estão a aprender, à custa própria, que a austeridade, por si só, nos leva a cada vez maiores dificuldades. Que é preciso mudar de sistema, para

salvar o euro e a União Europeia. Como disseram Jacques Delors e Helmut Schmidt, o antigo chanceler alemão, de 93 anos, ou o projecto europeu se desarticula - bem como o euro - e os Estados europeus entram em decadência, todos; ou terá de haver, *in extremis*, uma mudança de paradigma e de sistema de desenvolvimento.

A Esquerda Europeia vai mudar

3. Parece-me óbvio, ao cabo de tantas derrotas. Não a Esquerda radical, comunista, maoista ou trotskista que, por definição, não muda nunca nem aprende nada. Mas a Esquerda socialista, social-democrata, trabalhista, verde ou simplesmente democrática, como na Itália. É uma família político-ideológica, que no passado foi infelizmente *blairista* e partidária da "terceira via", de má memória. Foi esse desvio, para o Centrão, economicista, ou mesmo para a Direita, que fez a Esquerda - dita moderada - perder as suas posições nos governos, em quase todos os Estados europeus e o voto de muitos trabalhadores e do chamado Povo de Esquerda.

Estamos a entrar , numa nova fase. A ideologia neo-liberal deu o que tinha a dar, criou sociedades sem valores éticos, em que só conta o dinheiro, e as pessoas, sobretudo as mais pobres, são ignoradas e atiradas para o desemprego. É urgente mudar de paradigma, abandonar o capitalismo de casino, tipo virtual, e apostar num capitalismo, regulamentado pelos valores éticos e em defesa das grandes Causas: a paz, a solidariedade, o aprofundamento democrático, regular a globalização, inspirar-se em valores éticos, na dignidade do trabalho e nas

conquistas sociais, que deram às populações europeias, um bem-estar até então nunca conhecido.

É neste contexto, que os Partidos Socialistas, Social-Democratas, Trabalhistas, Verdes ou tão só Democratas, devem refundar-se e preparar o seu futuro, atraindo as mulheres e os homens de Esquerda, mantendo formas actualizadas de concertação social e dialogando sempre com os Sindicatos, as organizações cooperativas, mutualistas e a inteligência e a cultura de Esquerda. Só assim podemos sair da crise, refundando a Esquerda e os seus valores.

Lisboa, 24 de Abril de 2012